

## Fazendo escola com imagens

### Com imagens, uma vida que pulsa e se enreda nos cotidianos de escolas...

Maria Regina Lopes Gomes<sup>1</sup>

O artigo traz experiências narradas com *imagens* que produzimos e que possibilitam compreender e ampliar conhecimentos acerca da complexidade que tece a vida de escolas, especialmente, neste artigo, daquelas que tramam as relações, os currículos e os processos de formação dos educadores que habitam esses *espaçotempos*<sup>2</sup> (ALVES, 2001). *Imagens* que trazem à cena atos de uma vida cotidiana que pulsa entre os diferentes praticantes das escolas...

O que pretendemos é compartilhar com essas *imagens* um pouco das experiências de escolas. *Imagens* dessas *artes de fazer* (CERTEAU, 1994) dos protagonistas cotidianos, que vão narrando e atualizando modos de *pensarpraticar* a história da educação e colocando em questão o modelo formal de organização desses *espaçotempos* em seus entrelaçamentos com os currículos e processos de formação de educadores, que arriscamos realizar nas escolas.

Nessas tentativas de *uso*, vamos percebendo a força das *imagens* para compreender e reconhecer a potência dos contextos das escolas (em seus intercâmbios com outros contextos) e das relações que aí se tecem, produzindo uma variedade de ações que,

---

<sup>1</sup> Pedagoga da Rede Municipal de Ensino de Vitória/ES, professora titular do curso de Pedagogia da Universidade Vila Velha.

<sup>2</sup> Estética de escrita aprendida com Nilda Alves como um modo de superar dicotomias ainda presentes e de tentar, ao unir palavras, criar outras tantas decorrentes da junção delas.

no dizer de Certeau (1994), tecem uma *teoria das práticas, uma política do cotidiano*.



*Teorias das práticas* que emanam das relações, dos movimentos *táticos e estratégicos* desses praticantes que, na interação coletiva e cooperativa, permitem-nos a compreensão dos processos em ação, nos trançados e destrançados das redes.

Conhecimentos matemáticos se aprendem, por exemplo, na feitura de pipas, proposta pelo professor das turmas de 5ª a 8ª série, em intercâmbio com a professora do 3º ano. Do mesmo modo, conhecimentos da alfabetização e da História se misturam...

Praticantes de diferentes salas de aula e disciplinas que, quando ensinam, aprendem e, ao *ensinarem aprenderem* solidariamente, ampliam e expandem os conhecimentos entre eles e com os alunos. Com essas práticas e misturas foi possível somar, separar, escrever, ler, pintar, desenhar, conhecer outros *espaçostempos* de aprendizagens, trabalhar com mapas, argila, pesquisar na Internet, entre outras tantas produções que, em razão dos movimentos incontroláveis das redes, não damos conta de acompanhar e viver, nem os planejamentos e outras prescrições dão conta de prever...



*Quem ensina a quem?* Como responder a essa pergunta quando os praticantes das salas de aula e da escola se misturam numa imbricada rede de saberes, fazeres, solidariedades, afetos, disputas e desejos que tece e inventa cotidianamente outros sentidos para a escola, para os currículos e processos de formação, extrapolando e esgarçando redes que também tecem modelos e/ou regras oficiais?

*Imagens* que nos ajudam a contar dessas *praticaspolíticas* cotidianas que não estão aqui nem lá, mas que se produzem em meio aos limites estabelecidos pelas políticas oficiais, escapando e traçando as variadas trajetórias desses praticantes na tessitura curricular e de formação, que fazem da escola um *espaçotempo* fértil dessas e para essas produções.

Com esses movimentos das redes, assumimos as escolas como espaços privilegiados de invenção de processos coletivos de trabalhos, potencializados sempre que esses praticantes se colocam numa condição de *fazer com*, de se movimentar nessas redes, compondo histórias originais...

### **Referências:**

**ALVES, Nilda. Decifrando o pergaminho. In: OLIVEIRA, I. B. de; ALVES, N. (Org.). Pesquisa no/do cotidiano das escolas. RJ: DP&A, 2001.**

**CERTEAU, Michel de. A invenção do cotidiano: artes de fazer.  
Petrópolis/RJ: Vozes, 1994.**